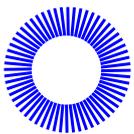


O trabalho intra e extramuros do Museo de la Memoria de Rosario para garantir a participação dos jovens no museu

Pilar Aphalo, Abi Bais e Agustina Crespi

Museo de la Memoria de Rosario

Argentina



O artigo a seguir reúne a experiência do Museo de la Memoria da cidade de Rosario, na Argentina, particularmente de seu Departamento de Articulação Territorial, vinculado à inclusão de jovens de diferentes bairros como protagonistas no planejamento e na coordenação das atividades do Museu voltadas para um público jovem. Esse departamento foi criado em 2012 com algumas experiências-piloto de participação juvenil num espaço de memória, desvinculando-se tanto do departamento de Educação quanto dos métodos usuais de convocação utilizados até então, por meio de espaços formais de educação. A partir desse momento, começaram a ser convocadas diferentes organizações e instituições da cidade, que variavam entre espaços dependentes do Estado, organizações sociais e espaços de militância política.

A incorporação de novas perspectivas de construção política no departamento de Articulação Territorial, bem como a necessidade de articulação com os diferentes atores sociais envolvidos no planejamento e desenvolvimento das atividades que começaram a ser propostas, nos falam de um modo de atuar que foi possível não só pela vontade política de seus membros, mas também pelo que o contexto sociopolítico do momento favorecia. É necessário situar as práticas pedagógicas, territoriais e institucionais para compreender a dimensão dos acontecimentos e as possibilidades que se desdobram (ou podem ser paralisadas) em relação às condições existentes. Neste caso, estamos falando da primeira década dos anos 2000 na Argentina, onde, a título de breve historização, o país estava se

recuperando da maior crise econômica, social e política que já havia experimentado. Essa crise teve seus fortes picos de explosão social nos fatídicos dias 18, 19 e 20 de dezembro de 2001 (consulte Solana, 2021). Esses eventos significaram uma ruptura com o neoliberalismo instalado na época, que estava deixando vítimas em seu rastro, uma perda patológica de credibilidade política e a necessidade de um projeto reparador e sustentável.

O cenário político da época, em 2003, após a posse do presidente Néstor Carlos Kirchner com apenas 21,65% dos votos, viu surgir um projeto de governo que abordava vários aspectos fundamentais diante da deterioração social: “O kirchnerismo baseou-se em três pactos assumidos com a sociedade”, insiste o diretor do OEOP [Roberto Bacman]. O primeiro tem a ver com a reativação da economia e a recuperação do emprego; o segundo baseia-se no novo papel do Estado, e o terceiro na política de direitos humanos”, diz Bacman para o jornal *Página 12* (Kollmann, 2013).

Foi então que, com a implantação dessas políticas, a virada nacional e popular de vários governos latino-americanos, os pactos e alianças para a independência e o fortalecimento econômico e restabelecimento das bases da institucionalidade democrática, começaram a surgir as mais variadas experiências de jovens que participam, propõem, promovem e despertam sentidos na esfera política. Vale ressaltar que esse processo histórico é uma concatenação do papel desempenhado pelos jovens nos cenários políticos de cada época. Isto, considerando desde as lutas anarquistas do início



do século XX, passando pelos sombrios anos setenta em que a última ditadura cívico-eclesiástica-militar fez desaparecer, silenciou e martirizou toda uma geração de jovens que participavam ativamente da política local, até a juventude ativa e militante do início do século XX, são a contrapartida do legado do neoliberalismo dos anos noventa que deixou o triste – e saturado – slogan: “todos devem ir, nenhum deles deve ficar”.

Foi nesse contexto de expansão que surgiram as primeiras experiências do Departamento de Articulação Territorial do Museu da Memória, por meio dos programas “Coletivo de Olhares”¹ e “Fábrica de Ideias”. Em 2013, o Departamento passou a integrar o “Programa Juventude e Memória”. Este último foi criado pela Comisión Provincial por la Memoria de la Provincia de Buenos Aires e está dirigido a diferentes escolas do país, propondo que os grupos desenvolvam um projeto de pesquisa sobre memórias do passado recente, participação político-cultural dos jovens, identidade ou formas de violação dos direitos humanos na democracia. A particularidade desse programa na cidade de Rosario é que a convocação não é feita por meio das escolas, mas pelo Museo de la Memoria, que convida diferentes organizações sociais, de bairro e políticas a participar. Desde então, o Departamento tem convidado anualmente diferentes organizações e grupos de jovens para participar do Programa, mantendo o grupo “Fábrica de Ideias”, que é estabelecido como um espaço de intercâmbio, reflexão e encontro entre os jovens e onde a ênfase é colocada no desenvolvimento de estratégias para lidar com determinados problemas.

¹ O “Coletivo de Olhares” foi o primeiro programa do Departamento, iniciado em 2011, com o objetivo de abrir o museu a diferentes territórios da cidade. Para isso, organizações territoriais que desenvolviam práticas relacionadas à construção de memórias foram convidadas a conhecer as questões com as quais estavam lidando e a possibilidade de trabalhar nelas em conjunto.

O programa “Juventude e Memória” também é a base para o “Programa de Voluntariado Jovem”, que reuniu as pessoas que estamos escrevendo hoje, em diferentes momentos e de diferentes maneiras. No que diz respeito à nossa aproximação com o Museu, vale a pena descrever como tudo aconteceu. A primeira de nós a chegar ao Museu foi Agustina, que já havia participado do “Programa Juventude e Memória” em sua escola secundária na província de Buenos Aires. Quando ela se mudou de uma província para outra para estudar, soube que a única experiência de “Juventude e Memória” que existia em Santa Fé era realizada no Museo de la Memoria, o que poderia garantir sua continuidade ali. Posteriormente, Pilar foi ao Museu em busca de informações sobre museus que trabalhavam com programas para jovens na cidade de Rosario, para fins de sua tese de graduação. A partir daí, a coordenadora do Departamento, Alejandra Cavacini, a convidou para participar das atividades realizadas ali como voluntária. Mais tarde, depois de conhecer Alejandra em outras ocasiões e se oferecer para fazer parte da equipe de trabalho, ela se juntou à Abi. No mesmo ano, ela concluiu sua residência integral no Departamento. Juntas, fazemos parte da equipe que coordena e planeja as atividades. Estas incluem pesquisas sobre nossa própria prática, a organização de eventos culturais para jovens e outras propostas de participação, como mediações nos diferentes espaços do Museu. No ano de 2021, depois de repensar nosso papel como participantes voluntárias no Departamento de Articulação Territorial, revisando e refletindo sobre nossas tarefas; problematizando e historicizando a categoria “voluntária”; verificando os marcos regulatórios – quase inexistentes e estabelecendo comparações com outras experiências de voluntariado; realizamos produções escritas, que foram uma simples contribuição para continuarmos fazendo perguntas e nos questionando. As apresentações



públicas² dessas contribuições abriram um vasto panorama de perguntas que sustentam e interligam as práticas de voluntariado e a dinâmica do funcionamento de determinados espaços e instituições.

De nossas próprias experiências, destacamos o fato de que chegamos ao Museo de la Memoria por iniciativa própria e que ele foi receptivo a isso, além de sempre permeável e aberto a propostas. Além disso, o Departamento se destaca por receber pessoas que vêm de diferentes áreas de atuação, o que alimenta tanto a heterogeneidade quanto a interdisciplinaridade na equipe de trabalho.

Atualmente, o Departamento apoia a participação no espaço “Juventude e Memória”, bem como na “Fábrica de Ideias”, e novas propostas também foram incorporadas a partir da participação dos jovens, tais como

- Construtorxs Territoriais em Direitos Humanos. Esse programa de treinamento semestral começou a tomar forma em 2018 e continua até hoje. Seus participantes são jovens maiores de 18 anos, que já haviam tido a experiência do “Juventude e Memória” em anos anteriores e que participaram desse percurso de formação no ofício dos direitos humanos, passando por diferentes módulos temáticos nos quais articularam instâncias de pesquisa e produção, bem como estágios em diferentes instituições da cidade e dos territórios. Hoje, esse grupo é formado como uma Unidade

² Sobre as práticas pedagógicas realizadas, compartilhamos em “Los sitios de memoria como espacios pedagógicos”, do Seminario Internacional Pedagogía de la Memoria, organizado pela Comisión Provincial por la Memoria (La Plata) e pelo Departamento de Ciencias de la Educación (FAHCE) UNLP. Além disso, em relação às práticas voluntárias e as configurações de participação política juvenil, no XIV Congreso Nacional e no VII Congreso Internacional sobre Democracia “La democracia en tiempos de desconfianza e incertidumbre global. Acción colectiva y politización de las desigualdades en la escena pública” e no XV Congreso Nacional de Ciencia Política e no XIV Congreso Nacional e VII Congreso Internacional de Democracia; organizados pela Universidad Nacional de Rosario em conjunto com a Sociedad Argentina de Análisis Político.

Produtiva em articulação com o “Programa Santa Fé Mais” do Ministério de Desenvolvimento Social da Província de Santa Fé,³ realizando diferentes atividades e projetos, juntamente com a equipe de Educação Continuada, como ciclos de debates, mediações no museu para outros grupos de jovens, atividades no território relacionadas à violação de direitos, entre outros. Atualmente, está realizando um projeto de pesquisa em conjunto com a APDH⁴ e o Conicet UNR, sobre o Mapeamento da Violência Institucional na cidade de Rosário.⁵

- As Residências Acadêmicas da Faculdade de Ciências Políticas e Relações Internacionais e da Faculdade de Psicologia da Universidad Nacional de Rosario, bem como o Complexo Educacional Dr. Francisco Gurruchaga. Consiste na participação de jovens estudantes no âmbito de estágios pré-profissionais não remunerados e residências universitárias. Em todos os casos, o objetivo é criar uma articulação entre o conteúdo curricular e os estágios realizados no Departamento de Articulação Territorial do Museu, com o objetivo de criar, ao final da turnê, uma proposta para o espaço. Durante sua permanência no Museu, que dura um ano, os jovens que estão fazendo estágio percorrem os diferentes programas e atividades do Departamento.

³ Uma Unidade Produtiva refere-se à segunda etapa do programa Santa Fe Más, do Ministerio de Desarrollo Social da Província de Santa Fé, concebido como um caminho de treinamento e educação que fornece ferramentas para a inserção de jovens no mercado de trabalho. Para obter mais informações, visite o site: [https://www.santafe.gov.ar/index.php/web/content/view/full/235705/\(subtema\)/93754](https://www.santafe.gov.ar/index.php/web/content/view/full/235705/(subtema)/93754)

⁴ A Assembleia Permanente de Direitos Humanos é uma associação civil cujas metas e objetivos são promover os direitos humanos conforme estabelecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas e na Constituição Nacional.

⁵ Mais informações no site: <https://www.museodelamemoria.gob.ar/page/jov/id/34/title/Proyecto-Mapeos-de-Violencia-Institucional-en-Rosario>, e vídeo no Instagram: https://www.instagram.com/tv/CS7P_Jbnbu3/?hl=es-la



- A área de Educação Continuada é um dos programas mais recentes, mas tem seus antecedentes no programa de voluntariado. A partir da reflexão sobre suas próprias práticas, o Museu possibilitou a modificação de certos formatos institucionais, enquadrando, nesse caso, uma instância de formação anual e participação nas atividades propostas pelo Museu. O programa consiste em uma reunião semanal com jovens para trabalhar temas relacionados ao Museu e, posteriormente, em um espaço de aprendizado rotativo para os diferentes programas do Departamento.
- O mais recente acréscimo é o trabalho no “Programa Jovens nos Espaços”. Essa é uma iniciativa conjunta entre a Comissão Provincial de Memória e vários locais de memória do país. Seu objetivo é promover a participação ativa dos jovens nos espaços de memória no papel de guias para as visitas pedagógicas, como transmissores de memórias e promotores de direitos com seus pares, entendendo essa proposta como um processo de aprendizado e ação. Inclui atividades de formação virtual e presencial para todas as pessoas jovens que participam dos espaços, bem como lugares de debate e discussão sobre a importância da participação dos jovens nos sítios de memória.

Todos esses programas têm uma dinâmica de trabalho comum que se caracteriza pelo uso de técnicas do campo da educação popular, ferramentas lúdicas e artísticas que buscam abordar o tema do Museu e a construção coletiva de memórias a partir de diferentes linguagens. Isso possibilita propor uma forma diferente de refletir sobre a história, permitindo um olhar crítico e uma abordagem de questões relacionadas aos direitos humanos.

Para voltar a situar a experiência, esse desdobramento de atividades e programas não surge desvinculado de um contexto institucional. O Museo de la Memoria da cidade de Rosario tem como objetivo promover o acesso ao

conhecimento e à pesquisa sobre a situação dos direitos humanos e a memória social e política de nossa região, do país e da América Latina. Mantém sua posição como ator político em defesa da democracia e das lutas do passado e do presente, por meio da arte e da literatura em sua exposição permanente, mas também por meio dos diferentes espaços que o compõem e das atividades que realiza e acompanha dentro e fora de sua localização física. O Museu é composto por vários departamentos e projetos, tais como: Educação, Comunicação, Produção, Biblioteca, um Centro de Estudos, Serviço de Orientação Jurídica e um Centro Documental. Também possui um espaço para exposições temporárias que frequentemente incorpora as lutas atuais em relação à defesa, garantia e respeito aos direitos humanos fundamentais.

A articulação entre as lutas atuais e a construção de memórias coletivas funciona como uma caixa de ressonância na proposta dessa instituição. O “nunca mais” de ontem é também o “nunca mais” de hoje diante das atuais tentativas de fragmentar nosso sistema democrático que emergem dos discursos negacionistas e odiosos do retorno da direita neoliberal.

Para continuar a ressoar, expandir e se desdobrar, a pergunta fundamental que tem impulsionado e atado, até agora, toda a nossa prática é: *o que um museu pode fazer?* Para nós, essa questão não apenas articula nossa práxis, mas é uma ação em si. É claro que o que compartilhamos até aqui não passou de mal-entendidos, incertezas e tensões, que nos oferecem um vasto panorama de possíveis desafios e reafirmações.

Sabemos que a crise econômica pela qual passa nosso país, a incerteza global e o aprofundamento das narrativas hegemônicas sobre as quais o sistema capitalista se ampara e é sustentado atualmente são fatores importantes nas subjetividades de jovens, ainda mais no caso de quem se encontra em situação de maior vulnerabilidade social. No entanto, ainda há resistência



que coloca em xeque as estruturas institucionais e a retórica. As práticas realizadas pelo Departamento fazem parte dessa resistência, pois permitem a democratização dos espaços, a incorporação de políticas abrangentes elaboradas com e a partir de pessoas jovens numa dupla orientação: para dentro e para fora. Quando falamos de participação juvenil dentro do Museu, estamos nos referindo a um posicionamento institucional em relação ao lugar que jovens podem e devem ocupar num espaço com essas características – que deve ser assumido por todos os membros e departamentos da instituição –, onde há uma validação das vozes de jovens, a ponto de serem elus que, além de serem formados, planejem as atividades e ofereçam as visitas a outros jovens. Elus também são direcionados para fora, chamando e convidando outros jovens de diferentes partes da cidade a fazer parte do espaço ou a se articular com os territórios. Nesse sentido, poderíamos retomar as palavras de Pablo Vommaro, professor de história especializado em juventude e pesquisador da CLACSO, que argumenta que, na era pós-pandêmica em que vivemos, diante desse panorama de certa incapacidade do Estado de gerar um marco suficientemente forte para o pleno desenvolvimento da vida das pessoas jovens, “um Estado presente é um Estado que cobre essas deficiências, mas que também se alia aos territórios e às comunidades para fortalecer suas ações” (#InfoCLACSO, 2021).

No caso do departamento de Articulação Territorial, seus vínculos com o território se refletem nas alianças que cria com organizações sociais e civis e outras instituições ou órgãos estatais, a fim de tentar dar respostas e ampliar as possibilidades para jovens que passam por ele.

Ao mesmo tempo, entendemos que é necessário debater e reconfigurar as deficiências do Estado, como responsabilidade assumida por uma instituição pública. Por exemplo, uma das maneiras de trazer essas tensões para o diálogo foi manifestar as injustiças e torná-las visíveis com o projeto Mapeamento da Violência

Institucional, mencionado acima. Dessa forma, notamos no Museo de la Memoria uma clara mudança da ideia do museu como um templo para um fórum: “[...] *the forum is where the battles are fought, the temple is where the victors rest. The former is process, the latter is product*” (Duncan, 1971: 21). [O fórum é onde as batalhas são travadas, o templo é onde os vencedores descansam. O primeiro é processo, o segundo é produto].



Referências

Duncan, F. C. (1971). The museum, a Temple or the Forum. *Curator*, XIV: 11-24. <https://www.elmuseotransformador.org/wp-content/uploads/2021/06/The-Museum-A-Temple-or-the-forum.pdf>

Kollmann, R. (2013, 19 de maio). El balance de una década. *Página 12*. <https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-220365-2013-05-19.html>

Solana, P. (2021, 16 de dezembro). El 2001 no empezó ni terminó en diciembre. *Anfibia*. <https://www.revistaanfibia.com/el-2001-no-empezo-ni-termino-en-diciembre/>

#InfoCLACSO (2021, 19 de junho). Entrevista com Pablo Vommaro: "La pos pandemia debería pensar políticas públicas integrales". [Vídeo] CLACSO TV. https://www.youtube.com/watch?v=9FXjj_wX7d0&ab_channel=CLACSOTV